

ISSN 0103-510X
ISBN 978-65-997169-2-8

Cadernos do Ceam

Ano XXII, n. 38, janeiro 2022

Rodolfo Ward Org.

Arte e Inovação em Tempos de Pandemia 3

Artigos



UnB

UnB – Universidade de Brasília

Media Lab/UnB | Media Lab/BR

DPI – Decanato de Pesquisa e Inovação

Aldir Blanc – Adetuc-TO | Secec-DF

Ceam – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Universidade de Brasília
Centro de Estudos Avançados
Multidisciplinares- Ceam

Arte e Inovação em Tempos de Pandemia

3

“ARTIGOS”

(Organizador; editor executivo; diagramação;
editoração; projeto gráfico; paginação e arte final)

Rodolfo Ward

Brasília - DF
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - Ceam
2022

© 2022 Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – Ceam e Media Lab/UnB. Projeto financiado pela Lei Aldir Blanc, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF), Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa do Tocantins (Adetuc), Decanato de Pesquisa e Inovação da UnB e pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UnB.



Arte e Inovação em Tempos de Pandemia de [Rodolfo Ward](#) está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](#). Baseado no trabalho disponível em <https://ceam.unb.br/acessorapido7>. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em <https://ceam.unb.br>. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em <http://medialab.unb.br/>.

[1ª edição]

Elaboração e informações

Universidade de Brasília - UnB

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – Ceam. Campus Universitário Darcy Ribeiro. Ed. Multiuso I – Bloco A | CEP: 70.919-970 – Asa Norte – Brasília-DF – Brasil. E-mail: ceam@unb.br | rodolfoward@unb.br | Home page: www.ceam.unb.br

Diretora do Ceam: Viviane Resende

Equipe Técnica

Comissão de Publicação do Ceam

Presidente: Marcus Tanaka

Diretora do Ceam: Viviane Resende

Editor Executivo e Editoração Eletrônica: Rodolfo Ward

Capa: Nanche Las Casas | Jaider Esbell | Rodolfo Ward

Conselho Editorial

Alex Ungrateeb Flynn (World Arts-UCLA)

German Labrador Mendez (Princeton University)

Ami Schiess (Stanford University)

José Geraldo (FD-UnB)

Suzete Venturelli (IDA-UnB/UAM)

Ingrid Koudella (ECA-USP)

Gilberto Prado (ECA-USP/UAM)

Walescka Pino-Ojeda (NZCLAS-The University of Auckland)

Natalia Castro Picón (Princeton University)

Eliane Potiguara (Honoris Causa UFRJ)

Susana Dobal (FAC/UnB)

Elimar Nascimento (CDS/UnB)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Rhuama Barbosa do Carmo - CRB 1/3060

A768 Arte e inovação em tempos de pandemia [recurso eletrônico] /
Rodolfo Ward, organizador. – Brasília : Universidade de
Brasília, 2022.
4 v.

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-997169-3-5 (v. 1)

ISBN 978-65-997169-1-1 (v. 2)

ISBN 978-65-997169-2-8 (v. 3)

ISBN 978-65-997169-0-4 (v. 4)

1. Arte. 2. Inovação. 3. Entrevistas I.Ward, Rodolfo.

CDU 7:301

Arte e Inovação em Tempos de Pandemia

3

** A Obra original Arte e Inovação em Tempos de Pandemia foi dividida em 4 volumes para se adaptar ao formato de publicação dos Cadernos do Ceam.*

UnB – Universidade de Brasília

Media Lab/UnB | Media Lab/BR

DPI - Decanato de Pesquisa e Inovação

Ceam – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

In Memoriam

Das mais de 620 mil vítimas do COVID-19 no Brasil e dos seus familiares.

Da Professora do Ceam, Dra. Lourdes Bandeira, referência nos estudos sobre a mulher que nos deixou seu último artigo nesta publicação (1949-2021).

Do brilhante Polímata e Artista Indígena Contemporâneo, Jaider Esbell. Referência na arte indígena e brasileira. (1979-2021).

Memes machistas em tempos de Covid-19: sintoma das masculinidades adoecidas

Valeska Zanello
Iara Flor Richwin
Felipe de Baére

A pandemia de Covid-19 marcou o ano de 2020 e o seu impacto gerou sérios problemas sociais, tais como decréscimo econômico, desemprego e aumento das desigualdades sociais já existentes em nosso país. Além disso, o cenário pandêmico exigiu a reorganização social de nossos hábitos, dentre eles, destaca-se a reconfiguração dos laços e a necessidade de isolamento social, com a ampliação da convivência diária entre a família e o núcleo conjugal, em muitos casos, sem a separação entre espaço doméstico e de trabalho. Nesse contexto, também se intensificou um fenômeno infelizmente já muito presente na vida das mulheres brasileiras: a violência doméstica e os casos de feminicídio (FBSP, 2020; IPEA, 2020; ONU-MULHERES, 2020).

Os levantamentos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020) mostram que, nos meses de março e abril de 2020, início da pandemia no Brasil, houve um crescimento de 22,2% no número de feminicídios em diferentes estados, em comparação com o mesmo período de 2019. A partir do mesmo cotejamento (março/abril 2019 versus março/abril 2020), os dados do FBSP também revelam um crescimento importante do número de ocorrências de violência doméstica registradas pelo canal telefônico 190 da polícia militar e de denúncias de violência contra a mulher acolhidas pelo canal Ligue 180, Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência.

É necessário destacar que, embora o contexto da pandemia e o consequente isolamento social exacerbem a violência contra as mulheres no Brasil, eles não podem ser tomados como causa do fenômeno. Ao contrário, essa causalidade histórica e estrutural, relacionada às desigualdades sociais engendradas entre homens e mulheres (IPEA, 2020; ONU-MULHERES, 2020) e, mais especificamente, à cultura patriarcal e misógina presente em nosso país. Nesse sentido, para tratarmos do tema

da violência contra as mulheres no Brasil, fenômeno este de proporção epidêmica, é necessário ir além da abordagem da mulher vitimizada e questionarmos seu vetor proativo: os homens e as masculinidades. Em outras palavras, da mesma maneira que não se nasce mulher, mas se torna; tampouco se nasce homem, torna-se. É preciso, então, se perguntar sobre que tipo de masculinidade tem sido configurada e interpelada em nossa cultura.

Impulsionados pelos estudos feministas a partir de 1970, os estudos das masculinidades têm ganhado ocada vez mais espaço e relevância em diferentes campos do conhecimento (BARRAL; ZANELLO, prelo; CECCHETTO, 2004). No âmbito do presente capítulo, apoiamo-nos nas perspectivas teóricas desses estudos que buscam romper com paradigmas essencialista se que abordam as masculinidades como configurações de práticas, representações e valores, conformadas por dimensões históricas e socioculturais e pelo entrelaçamento de diferentes fatores, como classe, raça e etnia, idade e orientação sexual (CECCHETTO, 2004; CONNEL; MESSERSCHIMIDT, 2013). Nesse sentido, destaca-se que os significados das masculinidades não são estáticos e universais, mas variam de acordo com as diferentes culturas, com os diferentes períodos históricos e com os variados segmentos sociais (CECCHETTO, 2004; CONNEL; MESSERSCHIMIDT, 2013; ZANELLO, 2018).

Em cada contexto social específico, dentre os vários modelos de masculinidades disponíveis, existe uma masculinidade hegemônica local, que prescreve o padrão ideal, mais valorizado e reconhecido, e que tem ascendência sobre outras masculinidades subalternizadas (CECCHETTO, 2004; CONNEL; MESSERSCHIMIDT, 2013; ZANELLO, 2018). Para compreender essa masculinidade hegemônica na contemporaneidade brasileira, contra a qual as outras masculinidades são avaliadas, Zanello (2018) propõe a categoria analítica de dispositivo da eficácia, que configura os caminhos privilegiados de subjetivação para os homens em nossa cultura, prescrevendo performances e configurando afetos e emocionalidades. Esse dispositivo se fundamenta em dois pilares principais: a virilidade laborativa e a virilidade sexual.

A virilidade laborativa, tal como configurada no atual contexto brasileiro, constituiu-se a partir do processo histórico de crescimento do capitalismo e da urbanização, que conferiu centralidade às dimensões

do trabalho, do dinheiro e do consumo. A dignidade, a honra e o mérito dos homens passaram a ter como parâmetro de julgamento o trabalho, o sucesso profissional, o acúmulo financeiro e o acesso a bens de consumo (ZANELLO, 2018). Como aponta Welzer-Lang (2013), o processo de socialização dos homens ensina-os que seu investimento deve recair prioritariamente no trabalho externo remunerado, espaço privilegiado de exercício da virilidade, de reconhecimento, poder e realização. Já a vida familiar e doméstica é o espaço em que eles vão usufruindo medalhas e coroações obtidas com o sucesso profissional e financeiro, tendo um lugar residual em sua hierarquização de dedicação e investimentos.

A virilidade sexual, o outro pilar do dispositivo da eficácia, prescreve que um “verdadeiro homem” precisa penetrar e provar que penetra. Ou seja, ele deve apresentar alta performance e excelência tanto em seu desempenho sexual quanto na comprovação e exibição da potência sexual (BADINTER, 1992; BOURDIEU, 1998; ZANELLO, 2018). Além dessa injunção positiva do “fodedor” e “comedor sexual ativo”, a virilidade sexual também impõe uma injunção negativa, que se expressa na proibição de “ser penetrado” e na aversão à passividade e ao prazer sexual anal (ZANELLO, 2018). É importante sublinhar que essas valências dicotômicas que atravessam a sexualidade masculina –atividade e passividade, penetrar e ser penetrado – têm correspondência com outras performances e valores, constituindo atribuições de dominação, força, poder e prestígio (atividade, penetrar); ou, ao contrário, de submissão, perda do poder, fraqueza e estigma (passividade, ser penetrado) (CECCHETTO, 2004; ZANELLO, 2018).

Portanto, sucintamente, a masculinidade hegemônica no Brasil tem como imperativos de um “verdadeiro homem” ser um trabalhador e um “fodedor”. As performances e valores prescritos são: trabalho e sucesso profissional e financeiro; função de provedor; potência e desempenho sexual; ser produtivo e sua exibição; provas e comprovações; força, dominação, poder e violência (BADINTER, 1992; BOURDIEU, 1998; WELZER LANG, 2008; ZANELLO, 2018). Além disso, também está implicada a injunção de não ser uma “mulherzinha” (ZANELLO, 2018, p. 270). Ou seja, a misoginia também constitui um predicado central e organizador dos processos de subjetivação dos homens e da afirmação das masculinidades no Brasil (ZANELLO, 2018; 2020). Desde

pequenos, os meninos e rapazes são ensinados a repudiar toda e qualquer performance ou atributo que possa aproximá-los das posições e características das mulheres ou “menininhas”. Assim, eles são interpelados ao enrijecimento de si e de seus afetos nas relações com as mulheres e com outros homens, não deixando transparecer sentimentos, fragilidades ou qualquer qualidade considerada feminina (ZANELLO, 2018).

É importante observar que essa misoginia, embora constitua o fulcro da masculinidade hegemônica no Brasil, nem sempre é nitidamente reconhecível. O repúdio às mulheres assume diversos arranjos e feições: algumas mais abertas e evidentes, como os discursos antifeministas ou os discursos pejorativos sobre o que é considerado feminino; outras mais escamoteadas e disfarçadas, como a objetificação sexual das mulheres. Segundo Zanello (2020), a objetificação sexual, embora possa ser confundida com certo enaltecimento dos corpos ou da beleza das mulheres, expressa um olhar, uma relação (dos homens) que, a partir de uma posição de domínio, controle e subjugação, reduz as mulheres (mas não só elas) a “coisas sexuais”, a corpos ou “pedaços de corpos” (ZANELLO, 2020, p. 84). Trata-se mais de uma emocionalidade configurada culturalmente no processo de tornar-se homem, do que relacionado ao objeto (principal, mas não único) das mulheres. Nesse sentido, objetos distantes, tais como a relação dos homens com a política e o meio ambiente também podem ser mediados por essa emocionalidade.

É importante ressaltar ainda que, além das configurações e feições diversas, a misoginia também se constitui em diferentes níveis e se manifesta em variados fenômenos sociais e culturais, como na pornografia, nas publicidades ou, ainda, nas interações em redes sociais. A pesquisa de Zanello (2020), por exemplo, encontrou acentuada reprodução da objetificação sexual em grupos de WhatsApp masculinos, além de posts e memes que transformavam em objeto de chacota temas de violência contra a mulher e mesmo do feminicídio.

A emergência sanitária e social provocada pelo novo coronavírus aplica uma lente de aumento sobre graves problemas sociais, como o sexismo, o racismo e o classicismo existentes em nosso país. Nesse sentido, assim como a pandemia exacerbou a violência contra as mulheres, consideramos que, por meio de reedições ou potencializações, os atuais fenômenos sociais e culturais podem revelar, com maior visibilidade e

nitidez, as linhas de estruturação e funcionamento das masculinidades e da misoginia em nosso país.

Diante do exposto, o presente capítulo tem como objetivo analisar como se expressa a masculinidade e a misoginia nos grupos masculinos de WhatsApp no atual contexto da crise provocada pelo novo coronavírus, buscando identificar reedições ou novas manifestações nas imagens e memes que passaram a circular a partir do início da pandemia e das medidas de isolamento social.

Método

Foi solicitado nas redes sociais de uma das pesquisadoras (com mais de 30 mil seguidores em todo país, no Instagram e Facebook) que as pessoas enviassem os memes machistas recebidos em grupos de WhatsApp. Privilegiaram-se aqueles que estavam circulando em grupos masculinos, desde que o novo coronavírus se tornou um problema de saúde pública e o isolamento social passou a ser adotado em vários estados brasileiros. Ou seja, desde o fim do mês de março de 2020.

Foram recebidos 126 memes nos dois primeiros meses e meio de isolamento social, entre 25 de março e 15 junho de 2020. O material foi enviado tanto por mulheres, quanto por homens. Muitas mulheres enviaram memes que estavam circulando nos grupos de WhatsApp masculinos, dos quais seus companheiros participavam.

Os memes coletados foram analisados e agrupados de acordo com a temática envolvida. Foram selecionadas para o presente artigo as 3 categorias mais frequentes entre os memes considerados como machistas pelas pessoas que os enviaram. Nos resultados, serão apresentados literalmente apenas alguns memes (em função do tamanho restrito do artigo), cujas imagens foram consideradas como as mais críticas para a compreensão de certas ideias.

Resultados e discussão

As três categorias mais recorrentes foram: 1) “Estar em casa (com a esposa) é uma penitência”; 2) “Homem não vive sem sexo”; e

3) “Chacota do universo compreendido como feminino”.

Na primeira categoria “Estar em casa (com a esposa) é uma penitência”, foram englobados todos os memes que apontavam para um suposto sofrimento dos homens por terem que estar trancafiados durante o período do isolamento social com suas esposas. Os motivos apontados para esse sofrimento eram, de um lado, ter que conviver com a própria esposa e, de outro, ter que deixar de ir ao bar com os amigos ou aos jogos de futebol. Como exemplo, podemos citar o post amplamente compartilhado com os seguintes dizeres: “Óbvio que o coronavírus foi inventado por uma mulher. Tudo calculado: conseguiu cancelar o futebol, fechar os bares e fazer com que os homens não saiam de casa”. O casamento, nesse sentido, foi retratado como um péssimo negócio, tal como apontado em um post, no qual havia um convite de casamento de Sérgio e Fátima, com um aviso acima, em letras maiúsculas: “ADIADO” (por conta da pandemia). O comentário colado sobre o post dizia em destaque: “Olha aí a vida dando uma segunda chance para o Sérgio”.

A categoria “Estar em casa (com a esposa) é uma penitência” foi composta de quatro temas, a saber: a) mulher fala, cobra e reclama demais; b) se homem e mulher ficam juntos em casa, vai ter briga; c) por suportar suas mulheres, os homens merecem ser enaltecidos; d) vontade de exterminar a esposa.

No primeiro tema “mulher fala, cobra e reclama demais”, apareceram memes que retratavam um cansaço por parte dos homens em ter que conviver e ouvir as próprias mulheres. Um dos posts de grande circulação e que recebemos repetidamente, trazia a imagem de um homem com orelhas bem grandes e com a seguinte frase sobre a foto: “Terceiro dia confinado e escutando a mulher”.

Muitas das cobranças retratadas, feitas por mulheres, e exageradas e sem limites, na ótica dos homens, dizia respeito às atividades domésticas e de cuidados dos filhos. Por exemplo, um vídeo que circulou em vários grupos (e que recebemos de várias fontes) mostrava um homem em uma bicicleta indo atrás de policiais, pedindo para ser detido e levado para a delegacia, pois não suportava mais as solicitações que sua esposa estava lhe fazendo, tais como lavar a louça e varrer a casa.

Por ser difícil a convivência e, agora, compulsória por conta do isolamento social da pandemia, a briga entre o casal seria quase inevi-

tável. Nesse sentido, memes que apontavam, ainda que em tom jocoso, um aumento exacerbado das brigas, foram amplamente compartilhados, como esse com os seguintes dizeres: “Informação da polícia nas últimas 24 horas na cidade de monte aprazível: Roubo – 0; Assalto – 0; Violência – 0; Acidentes – 0; Roubos a Carro – 0; Saidinha do banco – 0; Briga de casal – 31.597”. Nesse sentido, outro vídeo, também bastante compartilhado, apresentava um monólogo de um homem que aparecia com um olho roxo, como se tivesse sido espancado pela esposa. Em seu relato, ele dava a entender, de forma chorosa, que estava apanhando de sua mulher, e aconselhava os homens a não irritarem suas esposas e a fazer o que elas estavam solicitando.

O terceiro tema, “por suportar suas mulheres, os homens merecem ser enaltecidos”, foi bastante presente na penúltima semana de março, na qual o post abaixo teve ampla circulação. Trata-se de uma paródia a um movimento popular que ocorreu nas redes para se homenagear os profissionais de saúde que estavam na linha de frente do combate ao Covid-19. Aponta-se que homens casados também mereceriam uma hora de aplausos por estarem em quarentena suportando conviver com suas esposas em casa. Os posts compartilhados nesse tema apresentavam o seguinte texto (com poucas variações): “Amigos! Hoje (22/03/2020), às 20:00, vamos aplaudir os MARIDOS, que bravamente estão aturando suas esposas, em face das restrições impostas pelo coronavírus. Inclusive, muitos estão há mais de 24h em quase regime de internato em suas respectivas casas. Portanto, hoje, 22/03/2020, às 20:00h, vamos aplaudir esses bravos guerreiros de nossas janelas, portões, por tamanho ato de bravura”.

O último tema, “vontade de exterminar a esposa”, foi bastante recorrente e apareceu, em todas as suas expressões, como uma “brincadeira”, em tom jocoso, provocando riso. A primeira imagem abaixo faz uma paródia ao Big Brother Brasil e sublinha a vontade de “exterminar” da convivência a esposa, enviando-lhe para o “paredão”. Na segunda imagem, temos uma mulher querendo secar seu cabelo e pedindo ao esposo que lhe passe o secador. Porém ele lhe passa um revólver. A terceira imagem é um print de um vídeo que obteve ampla circulação. O vídeo começa com o foco sobre um rapaz sentado tranquilamente no sofá, assistindo à televisão. O foco vai se ampliando e muda de direção,

mostrando cachorros felizes no sofá, crianças brincando no tapete da sala, em frente à TV, quando no fundo, atrás do sofá, aparece uma mulher, supostamente a esposa, toda amarrada e com uma mordança na boca. A ideia que se quer passar é que só existe paz nessa situação porque ela foi paralisada e calada.

**Com o confinamento,
comecei a entender
o Big Brother.
Esta semana, vou indicar
minha mulher pro
Paredão.**



MARIDO EM QUARENTENA

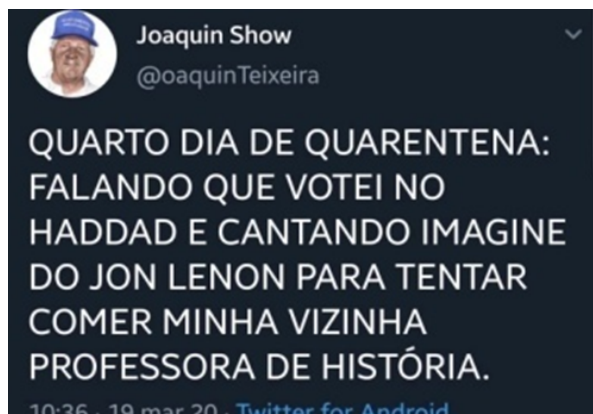


Na segunda categoria, “homem não vive sem sexo x objetificação sexual das mulheres” encontramos uma reedição, adaptada, de categorias previamente encontradas nos grupos de WhatsApp masculinos (ZANELLO, 2020). Nessa categoria, aponta-se o suposto sofrimento masculino que seria imposto pelo isolamento social da pandemia, pela não obtenção de sexo em casa e a dificuldade, também, de obtê-lo fora. Essa categoria foi composta por quatro temas, a saber: a) no casamento o sexo não acontece; b) homem faz qualquer coisa para conseguir transar (mentir, expor-se ao vírus, etc); c) se fica sem sexo, o homem começa a enlouquecer; d) sexo é um serviço essencial (comparação de mulheres com alimento).

No primeiro tema, “no casamento o sexo não acontece”, apareceram memes que apontavam a inexistência do sexo na relação matrimonial. Em um dos posts, por exemplo, isso se deu de forma jocosa, comparando

a vida do homem em isolamento social por conta da pandemia, com aquela já muito conhecida por homens casados. O texto do post dizia: “Não pode beijar... Não pode abraçar... Não pode ter contato físico... Basicamente para quem é casado a vida segue normal... Quem é solteiro tá fudido!”.

No segundo tema, “homem faz qualquer coisa para conseguir transar (mentir, expor-se ao vírus etc.)”, apareceram vários posts que retratavam o que os homens são capazes de fazer (ou ao que se submeter) para garantir o acesso ao sexo. Na primeira imagem, aponta-se o uso da mentira (falar qualquer coisa para agradar à mulher), tendo como objetivo “comê-la”. A segunda, com grande circulação em um momento de falta de álcool gel nos comércios brasileiros, aponta o uso da mentira e da vulnerabilidade (medo de contaminação do vírus) para obter sexo. A terceira imagem mostra uma mulher italiana, com seios bem salientes, que supostamente teria chegado ao Brasil e não teria onde ficar. Nesse momento, a Itália era um grande foco da pandemia e estava em uma situação calamitosa. Circulavam na TV várias imagens de corpos mortos enfileirados, aguardando a possibilidade de serem enterrados. Na imagem abaixo, o que se “vende” é que não seria difícil encontrar homens dispostos a “ajudar” a moça, por puro interesse sexual, ainda que correndo o risco de contaminação. Na quarta imagem, mostra-se o cuidado no distanciamento social para não ser contaminado por amigos, mas o esquecimento dessas regras quando o que está em xeque é a possibilidade de fazer sexo com uma mulher que se conheceu há meia hora. Nesse momento, o autocuidado é completamente esquecido.







No terceiro tema, “se fica sem sexo, o homem começa a enlouquecer”, foram selecionados posts que apontavam para o “enlouquecimento” masculino devido à dificuldade de acesso ao ato sexual. Abaixo, podemos ver uma imagem na qual, em uma situação simples, cotidiana, ocorre uma ilusão, ou seja, uma imagem é distorcida e percebida de forma diferente. No caso, um corredor é percebido como uma virilha. O post vinha acompanhado do compartilhamento de frases como “Quinto dia da quarentena, começaram as alucinações”.



No último tema dessa categoria “sexo é um serviço essencial

(comparação de mulheres com alimento)”, foram elencados diversos posts que apontavam a necessidade de se manter o acesso ao consumo de corpos de mulheres como serviços “essenciais”. No primeiro post, temos a imagem que se supõe de um prostíbulo, com profissionais do sexo usando máscaras contra o novo coronavírus. O título do post é “serviços essenciais seguirão funcionando”. Na segunda imagem, temos uma vagina, cheia de cadeados seguida da frase “mais um comércio fechado”, com um emoji de choro. Na terceira imagem selecionada, temos várias mulheres amarradas e penduradas no teto, com a frase “vamos estocar comida pessoal... já comecei”. Esse meme teve ampla circulação, em um momento em que houve uma corrida massiva da população aos supermercados para estocar alimentos, com medo de que eles faltassem durante a pandemia. Na última imagem, temos um famoso jogador de futebol, rodeado de duas fotos de mulheres consideradas dentro do padrão ideal de beleza, e acompanhada da seguinte frase: “Neymar chamando comida pelo aplicativo do Aifode”. A objetificação sexual como principal emocionalidade interpelada na masculinidade, a ideia de que homem não vive sem sexo, bem como a proximidade representativa e metonímica entre mulheres e comida, também foi consistentemente encontrada na pesquisa anterior à pandemia, realizada durante seis meses, em grupos de WhatsApp masculinos no Brasil (ZANELLO, 2020).

Serviços essenciais seguirão funcionando







Por fim, a terceira categoria, “chacota do universo compreendido como feminino” englobou os memes que apontavam os truques usados pelas mulheres para se produzirem e, sobretudo, o quanto seus cabelos ficariam brancos e engordariam na quarentena. Faz-se mister destacar que o ideal estético se constitui como um pilar essencial na constituição identitária das mulheres, no dispositivo amoroso (ZANELLO, 2018). Como exemplos, podemos citar os posts com os seguintes dizeres: “Com os salões fechados e as mulheres dentro de casa, teremos em breve uma legião de senhoras com cabelos brancos”; outro que dizia “Faltam 3 semanas para a gente descobrir como é o cabelo original da mulherada!”. Também foram frequentes os posts que apresentavam duas imagens da mesma mulher (em alguns casos de bonecas como a Barbie), em um antes (com o corpo magro, “em forma”) e o depois da quarentena, com o corpo gordo.

Conclusões

No cenário brasileiro de 2020, pesquisas apontaram que o isolamento social suscitado pela pandemia de Covid-19, ao ampliar o convívio familiar e conjugal, sem a separação do espaço doméstico e o de trabalho, teve como uma de suas consequências a intensificação da violência contra a mulher e dos casos de feminicídio. De todo modo, o aumento da convivência no espaço privado não pode ser tomado como a causa principal desse fenômeno. Isso porque essa causalidade é histórica e estrutural, sendo que as assimetrias sociais entre homens e mulheres em nosso país são reflexos da cultura patriarcal e misógina.

O contexto pandêmico aplicou uma lente de aumento no funcionamento das masculinidades, trazendo novas configurações de temas anteriores ao Covid-19 e bastante recorrentes em grupos masculinos de WhatsApp (ZANELLO, 2020), tais como a objetificação sexual e a ideia de que homem não vive sem sexo, bem como novos conteúdos, tais como uma intensa problematização das relações conjugais e das supostas dificuldades dos homens em terem que conviver com/suportar suas mulheres. No decorrer da pandemia, o índice de casos de violência conjugal contra mulheres só aumentou, o que nos leva a pensar nessas representações – “brincadeiras” (sérias) de WhatsApp – manifestadas no começo da pandemia como verdadeiros sintomas prodrômicos, ou seja, como sinais que antecederam o grave quadro de intensificação da violência que se consolidou.

Tendo em vista a maneira como os homens interagem entre si nos grupos das redes sociais, nota-se que as masculinidades se encontram adoecidas e que a sua construção social se perfaz de forma danosa, sobretudo para as mulheres. Desse modo, é necessário maior investimento em pesquisas no campo das masculinidades, a partir da perspectiva dos estudos de gênero, para que se possa construir de forma mais efetiva estratégias preventivas na área de saúde pública relativa ao combate à violência contra as mulheres.

Referências

- BADINTER, E. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BARRAL, D.; ZANELLO, V. (no prelo). Os estudos das masculinidades na

psicologia brasileira: da invisibilidade da crítica a crítica da invisibilidade. Revista Psicologia Política. Manuscrito aceito.

- BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CECCHETTO, F. Violência e estilos de masculinidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CONNEL, R.; MESSERSCHIMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista de Estudos Feministas, 21(1), pp. 241-282, 2013.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência Doméstica durante a Pandemia de Covid-19. Ed. 2. Disponível em https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/. Acesso em 30/01/2021.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Políticas públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da Covid-19: ações presentes, ausentes e recomendadas. Brasília: IPEA, 2020.
- ONUMULHERES. Diretrizes para atendimentos em casos de violência de gênero contra meninas e mulheres em tempos da pandemia da Covid-19. Brasília : ONU Mulheres, 2020.
- WELZER-LANG, D. Les hommes et le masculin. Paris : Éd. Payot & Rivages, 2008.
- WELZER-LANG, D. Nous, les mecs : essai sur le trouble actuel des hommes. Paris: Éd. Payot & Rivages, 2013.
- ZANELLO, V. Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.
- ZANELLO, V. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, L. (Org.), Gênero em perspectiva. Curitiba: CRV, p. 79-102, 2020.

Valeska Zanello (IP/UnB) [Mensagens de Whats App masculinas na pandemia] - Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Brasília (2005), graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília (1997), e doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília (2005) com período sanduíche de um ano na Université Catholique de Louvain (Bélgica). Professora Associada 2 do departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. Foi coordenadora do programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGPSICC)/UnB de agosto de 2019 a

março de 2021. Orientadora de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PSICC). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em SAÚDE MENTAL e GÊNERO. Coordena o grupo de pesquisa “Saúde Mental e Gênero” (foco em mulheres) no CNPq, o qual realiza uma leitura do campo da saúde mental sob um viés feminista das relações de gênero (e interseccionalidades com raça e etnia) no que diz respeito à epistemologia, semiologia, diagnóstico psiquiátrico e prática profissional. Blog do grupo SAÚDE MENTAL E GÊNERO: <https://saudementalegenero.wordpress.com/>.

Iara Flor Richwin (IP/UnB) [Mensagens de Whats App masculinas na pandemia] - Psicóloga com experiência e atuação clínicas no campo da atenção e cuidado a usuários de drogas (CAPS-AD/GDF de 2011 a 2016), no sistema socioeducativo para adolescentes em conflito com a lei do Distrito Federal (2008 - atual) e em consultório particular. Pesquisadora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB, no qual realiza atualmente pesquisa de pós-doutorado sobre saúde mental de mulheres que estão em situação de rua e de mulheres que fazem uso de crack.

Felipe de Baére (IP/UnB) [Mensagens de Whats App masculinas na pandemia] - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPG-PsiCC/UnB). Especialista em Teoria Psicanalítica pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC), com projeto no campo da suicidologia, com enfoque em gênero e sexualidade. Graduado em Jornalismo pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (2009). Graduado em Psicologia pela Universidade de Brasília, com tripla habilitação - Licenciatura em Psicologia; Bacharelado em Psicologia e Habilitação Psicólogo - (2016).